



Resenha

Secularização,  
aceleração e  
modernidade

Diogo da Silva Roiz\*

## Resenha da Obra:

KOSELLECK, R. Aceleración, prognosis y secularización. Traducción, introducción y notas de Faustino Oncina Coves. Valencia: Pré-textos, 2003a, 97p.

### **Secularização, aceleração e modernidade**

“Quão moderna é a modernidade?” (2003a, p. 18).

Para Faustino Oncina Coves este é o questionamento básico que circunscreveu o projeto de Reinhart Koselleck (2003a, 2003b), ao definir a temporalidade e os usos dos conceitos, dirimir suas alterações no tempo e no espaço, refletir as alterações nos modos de apreender a temporalidade pelos indivíduos, ao representarem-na pela escrita, e, ao abordar a própria formação dos tempos modernos e da modernidade no Ocidente. Ao apresentar a coletânea de ensaios *Aceleração, prognósticos e secularização*, o autor teve como objetivo destacar como a aceleração na percepção do tempo pelos indivíduos permitiu o avanço dos prognósticos futuros e o desenvolvimento de uma sociedade secular. Por sua vez, a secularização seria o processo pelo qual o Estado, bem como a sociedade, se distanciariam da religião, ao tomarem suas decisões e formularem suas leis. Tal processo viria desde o século XVI e tomaria maior impulso, a partir do XVIII, com a eclosão da Revolução Francesa e da Industrial. Desse modo, a aceleração das descobertas técnicas, juntamente com o avanço dos processos produtivos, do trabalho e do cotidiano, foram repercutindo paulatinamente num questionamento sobre a ordem do mundo imposta pela religião, assim como sobre as formas

teleológicas de interpretação da trajetória e do sentido da história humana. Onde, no mesmo período, coexistindo com essas mutações, a formulação de uma interpretação secular sobre a história humana, bem como do passado, do presente e do futuro da humanidade, diferente daquela produzida pela cristandade ocidental, onde o homem necessariamente se encontraria com seu criador, e este seria o dirigente dos destinos humanos. Por sua vez, a interpretação secular, apoiando-se no antropocentrismo do Renascimento, viu no homem e não em Deus o motor da história, e na história humana e não na eternidade, os temas a serem abordados, o passado e o presente a serem investigados, os prognósticos sobre o futuro a serem elaborados, pois, na própria finitude humana se daria os desdobramentos de sua história.

Em texto que discute a contribuição da produção de Reinhart Koselleck para a consolidação da história dos conceitos, na produção historiográfica internacional, Júlio Bentivoglio (2010, p. 114-34) demonstra a importância dos temas indicados por Coves, para que Koselleck fundamentasse sua interpretação do tempo histórico, da historicidade e das mutações sobre a apreensão do tempo na modernidade. Para ele, embora a “linguagem tenha um papel fundamental para a compreensão dos conceitos, Koselleck se afasta de seu mestre Gadamer ao enfatizar a irredutibilidade da experiência histórica à linguagem, posto que embora a História Conceitual supere e transcenda a História Social muitas vezes lhe

conferindo sentido, ela jamais a esgota” (p. 122). Nesse aspecto, o grande “desafio do projeto da história conceitual foi demonstrar como um conceito se volta contra seus próprios pressupostos, ou em outras palavras, quando surgem as mudanças nos significados em torno dos conceitos” (p. 123).

Contudo, como sugere Coves – indo de Habermas a Marraão, e a maneira como ambos se apropriaram da abordagem de Koselleck, para sugerirem a formação de uma sociedade secular e a persistência de uma pós-secular, “como aquela que se adapta a persistência de comunidades religiosas no entorno que se seculariza continuamente” (2003, p. 15) – foi estudando temas como a secularização, a aceleração da percepção do tempo histórico, os prognósticos sobre o futuro, que Koselleck avançou em sua interpretação sobre a modernidade.

É basicamente sobre essa questão que tratam os dois ensaios do livro: “Encurtamento do tempo e aceleração: um estudo sobre a secularização” e “O futuro desconhecido e a arte do prognóstico”. Neles o autor ressalta as várias mutações que sofreu o conceito de secularização ao longo do tempo, e sua íntima relação com a própria percepção da aceleração do tempo, na medida em que se avançava as descobertas tecnológicas e científicas, a partir do século XVIII, em prol das sugestões proféticas religiosas, que mencionavam o inevitável reencontro do homem com Deus, como o momento de finalidade da história humana e de sua redenção. Por outro

lado, destaca a importância dos prognósticos sobre o futuro como etapas de planejamento do presente, ainda que estes, em geral, sejam limitados e, na maioria dos casos, distantes do que será, de fato, o futuro. Em função disso, o autor se interroga sobre a possibilidade de melhorar os prognósticos a respeito do futuro, onde cada vez mais o presente se torna efêmero, o tempo histórico é percebido como mais acelerado, e o passado fica menos mensurável, como fornecedor seguro de exemplos, para se evitar erros e planejar o presente e o futuro.

Para tanto, procedeu a clarificar epistemologicamente o conceito de secularização, seguindo o rastro da categoria de acordo com o encurtamento do tempo desde o Novo Testamento até a modernidade, destacando o conceito moderno de aceleração, para contrastá-lo com o conceito de secularização e o encurtamento do tempo (p. 40 e ss). Em vista disso, sua tese indica que se há uma experiência de tempo imanente ao mundo e a história, que se diferencia dos ritmos temporais ligados a natureza, está é sem dúvida uma experiência de aceleração, em virtude da qual se clarifica o tempo histórico do tempo produzido especificamente pelos homens.

Portanto, só através da consciência da aceleração – ou da correlativa desaceleração – da experiência do tempo, sempre dada naturalmente, que pode ser definida uma experiência do tempo especificamente histórica (p. 46-7). Por outro lado, na medida em que tais experiências de aceleração do tempo sejam mais perscrutáveis pelos indivíduos, melhores possibilidades de forjar prognósticos mais seguros sobre o futuro serão produzidas. Nessa questão, experiência do passado (como

as enfocadas pela história mestra da vida, e fornecedora de exemplos) e expectativa sobre o futuro (como indicadas, desde o século XVIII, pela história como processo contínuo, produzida pelas filosofias da história), são mediadores imprescindíveis, cujo movimento constante e dialético, permitem que se planeje melhor o próprio presente.

Dessa forma, com uma abordagem bastante original e erudita, Koselleck nos fornece com esses ensaios mais subsídios para entendermos a constituição e o movimento contínuo produzido na Modernidade, cuja aceleração na percepção do tempo histórico e o processo de secularização das instâncias políticas e sociais são apenas alguns dos efeitos que esta produz nos indivíduos ao interagirem com seu meio.

### Referências

BENTIVOGLIO, J. A história conceitual de Reinhart Koselleck. **Revista Dimensões**, UFES, v. 24, 2010, p. 114-34.

KOSELLECK, R. **Los estratos del tiempo: estudios sobre la historia**. Barcelona: Paidós, 2003b.

### Notas

\* Doutorando em História pela UFPR, bolsista do CNPq. Mestre em História pelo programa de pós-graduação da UNESP, Campus de Franca. Professor do departamento de História da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Campus de Amambai. E-mail: diogosr@yahoo.com.br.